

Cidades



FÁBIO NUNES/AT

PEDREIRA RIO DOCE, em Joana D'Arc: projeto de 2009 previa a construção de quatro mil casas no local

QUE FIM LEVOU?

Briga judicial impede construção de casas

Governo federal cedeu área de antiga pedreira em Joana D'Arc para a Prefeitura de Vitória, mas construtora não abre mão de terreno

Kelly Kalle

Uma briga judicial entre a Prefeitura de Vitória, a Advocacia-Geral da União (AGU) e a construtora Rio Doce, proprietária de uma antiga pedreira no bairro Joana D'Arc, impediu a construção de um bairro popular no local.

Em 2009, havia um projeto de construção do Residencial Joana D'Arc, com cerca de 4 mil casas, por meio do programa Minha Casa, Minha Vida, da Caixa Econômica Federal. Seria em uma área de 9.170 metros quadrados, onde

funcionava a pedreira Rio Doce.

O projeto contava ainda com um campo de futebol e uma quadra.

Naquele ano, a União fez uma Concessão de Direito Real de Uso do terreno ao município para a construção do residencial, porém a construtora entrou com processo de direito de posse.

O superintendente de Patrimônio da União no Espírito Santo, Magno Pires, explicou que o terreno é acrescido de marinha, ou seja, foi obtido pela construtora por meio de aterros realizados sobre braços de mangue, estendendo o terreno original, que era particular, e se transformando em terreno acrescido de marinha.

“Assim, esse é um bem indubitavelmente da União. Ele está sobre o regime de inscrição de ocupação, o que caracteriza direito precário de posse e não de propriedade.”

Pires frisou que quando é manifestado interesse público sobre uma área da União que tem inscri-

ção de ocupação, a legislação permite que a União reintegre a posse do imóvel e o destine à finalidade social ou pública requerida.

O vereador Davi Esmael contou que a comunidade do bairro deseja que o terreno da construtora - que tem 24 mil metros quadrados - se torne um complexo de lazer.

“Tentamos fazer um acordo com a empresa e a União no ano passado, sem sucesso. Depois disso, a Justiça retomou o processo e decidiu que o terreno ia continuar sob ocupação da empresa. Espero que a prefeitura desaproprie o local ou faça uma compensação das dívidas que a empresa tem para construir a área de lazer.”

O representante da construtora, Marcelo Alves, ressaltou que a União pode recorrer novamente. “Se a prefeitura desejar fazer uma área de lazer para a comunidade, que realmente precisa, nós estamos à disposição para conversar e negociarmos um acordo.”

ENTENDA O CASO

Comunidade quer área de lazer no local

O projeto

> EM 2009, havia um projeto de construção do Residencial Joana D'Arc com cerca de 4 mil casas, por meio do programa Minha Casa, Minha Vida, da Caixa Econômica Federal. Seria em uma área de 9.170 metros quadrados, onde funcionava a pedreira Rio Doce. O projeto contava ainda com um campo de futebol e uma quadra.

A briga judicial

> A PREFEITURA entrou com pedido para a União de concessão de Direito

Real de Uso do terreno ao município para a construção do residencial, que foi concedida, com prazo de cumprimento da finalidade em dois anos. Porém a construtora entrou na Justiça com processo de direito de posse de uma área de 24 mil metros quadrados. Desde então, há uma briga judicial que fez com que nada fosse construído no local.

Tentativa de acordo

> NO ANO PASSADO, o vereador Davi Esmael - por meio de solicitação feita pela comunidade do bairro, que de-

seja a construção de um complexo de lazer no local - tentou um acordo entre as partes envolvidas, sem sucesso. Então, a Justiça retomou o processo e decidiu há alguns meses que o terreno iria continuar sob ocupação da empresa.

O que diz a prefeitura

> INFORMOU que o terreno é uma pequena área de aterro, próximo ao mangue, tratando-se de terreno de Marinha. O processo de cessão da área da União para o município foi suspenso por decisão judicial.



DARLENE TRONQUOY

darlene_angelo@terra.com.br

A psicanálise, o que é isso? - X, O trágico

Elas vieram, praticamente durante meio século, à Rua Bergasse, número 19, em Viena, com suas paralisias, afasias, suas compulsões, e mesmo seus delírios, de mandar a Freud sua escuta clínica. Tratava-se de uma época, a virada do século XIX para o XX, em que o uso dos chamados psicotrópicos estava distante de fazer parte, em larga escala, do receituário médico, ainda que date talvez de 7000 anos a relação do homem com as “substâncias psicoativas”.

Mas já estava presente, contudo - enquanto Freud “apenas” escutava aqueles que se dispunham a falar de suas dores da alma -, a tentativa de buscar uma causa biológica para as ditas “perturbações humanas”. E à medida que as relacionava com alterações no organismo, se intensificavam as pesquisas no sentido de encontrar uma cura farmacológica para a sofrimento.

Construíram-se, pois, a partir dessa ideia, verdadeiras crenças em um saber que pudesse curar as feridas do ser. A melancolia, por exemplo, acreditava-se que seja consequência de alterações no organismo, e recebeu lugar no quadro das “depressões”.

Hoje supomos - e temos nisso uma fé quase inabalável, por isso mesmo louca -, que a felicidade pode ser encontrada em frascos, nos comprimidos. O efeito invisível, mas insidioso, disso é que o homem vem

se distanciando de si mesmo, pois a crença no outro, em um conhecimento suposto conter todas as respostas e soluções instantâneas às suas questões e incertezas, faz com que jamais busque em sua própria história a origem de seu sofrimento psíquico. Assim sendo, longe de encontrar saídas, ele se distancia de sua trágica condição, portanto, da possibilidade de construir, a partir de sua própria história, seu destino.

Freud, contudo, caminhou na contramão dessa crença. Contrariando o pensamento de seu tempo, afirmou que somente nos tornamos sujeitos a partir de um conflito fundamental. Escutando seus pacientes, que vinham às vezes de longe, descobre que a palavra tem efeito no corpo, na carne e em nossos atos. O divã, pois, é o lugar, por excelência, onde alguém pode marcar um en-

contro com a parte desconhecida de si mesmo; onde pode deparar-se com sua verdade ao escutar o que diz para além do que queria dizer e desta maneira assumir a autoria de sua vida.

Mas o curioso é que, mesmo que se espalhem os efeitos mais que benéficos das análises com

visíveis resultados clínicos, a busca pela saída química à dor e à tristeza vem crescendo, no mundo, de forma assustadora. Nada ao acaso, trata-se das consequências de um profundo submetimento do homem dito “liberado” aos ditames do Mercado e da Ciência.

Tanto um quanto o outro trouxeram, negavelmente, avanços à civilização, contudo, também outros tantos efeitos devastadores. Um deles é a transformação do homem, que não mais sujeito, tornou-se ou bem objeto a ser consumido ou bem cobaia, ou os dois a um só tempo. A sociedade

contemporânea, então, esta que confunde liberalismo e liberdade, não para de tentar eliminar da vida o conflito e o mal-estar, ao invés de interpretá-los, quer dizer, de simbolizá-los. Pretende-se, hoje, montar a cena de um impossível paraíso na Terra, aqui e agora.

Entretanto, a vida e nossa constituição como sujeitos, senhores e senhoras, exigem que aceitemos seus paradoxos, suas contradições e, por isso mesmo, tanto mais sofremos e “erramos” quanto mais insistimos em dela eliminar seus infortúnios, a morte, o conflito, enfim, a sua dimensão trágica da qual nada queremos saber!

DARLENE TRONQUOY é psicanalista, professora e membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória.



O divã, pois, é o lugar, por excelência, onde alguém pode marcar um encontro com a parte desconhecida de si mesmo